

é a metáfora desse apelo de Deus intrínseco à condição humana, esse chamamento a uma plenitude de vida e de amor. Escreve o nosso Poeta: «-É Deus que a si te aspira,/ É Deus que ao Céu te chama;/ Que em tudo amor derrama,/ A tudo amor inspira»<sup>1233</sup>. O Céu coincide com o próprio Deus. Deus, fonte e destino do Homem e do mundo, é o Céu. O Céu é, pois, a metáfora para assinalar a nossa realização pessoal e comunitária em Deus, Trindade Santa.

#### 11.1.4. Conclusão

Na poesia de João de Deus, escatologia antropológica de consumação pessoal anda a par de uma escatologia cósmica. Se o amor é a essência da realidade criada, é também a sua orientação e o seu destino último. O amor, que é o próprio Deus, é a origem e a finalização de tudo o que existe, do Homem e do universo. Como escreve Paulo na primeira Carta aos Coríntios, por fim Deus será «tudo em todos» (1 Cor 15,28). Uma protologia da realidade criada fundada numa ontologia do amor e da relação aponta para uma escatologia cósmica. A consumação de toda a criação em Deus, no amor, indica a fidelidade do próprio Deus a si mesmo e à sua obra criada, pois o amor biógeno, criador, que dá origem à vida e ao ser das coisas, só pode ser um amor que garanta definitividade. João de Deus, em finais do século XIX, bem intuiu essa dimensão cósmica da esperança cristã, a partir de uma contemplação da criação fundada no amor. Se em termos antropológicos o Poeta algarvio é herdeiro de uma linguagem tradicional (acentuação do termo alma), não isenta de ambiguidades, encontramos na sua poesia traços de uma consciência de fraternidade cósmica, quer na sua origem, quer no seu destino último. Essa dimensão cósmica, fazendo parte por inteiro do património cristão, nem sempre foi explícita na vivência e na afirmação da inteligência da fé. No século XIX era mesmo dimensão praticamente irrelevante, senão mesmo esquecida. Podemos, pois, afirmar que a dimensão cósmica assinalada por João de Deus foi, de certo modo, inovadora para o seu tempo. Ele intuiu a dimensão cósmica da esperança cristã que só vemos recuperada e desenvolvida na reflexão teológica ao longo da segunda metade do século XX. Aqui a experiência espiritual, de contemplação, e a intuição poética antecipam-se, e em muito, à reflexão teológica; a poesia é profecia da própria renovação teológica.

<sup>1233</sup> Cf. João de Deus, *Campo de Flores*, p. 40.

## 11.2. António Nobre visto por Leonardo Coimbra. Uma leitura criacionista de uma poética da Saudade

Susana Relvas

### 11.2.1. Introdução

Uma das linhas mais originais e surpreendentes do pensamento de Leonardo Coimbra prende-se com a relação dialética entre filosofia e arte, tendo o autor pensado a experiência artística, nas suas vertentes ética e estética, chegando à relação analógica entre o homem e a natureza. Conceitos que emergem de uma antropologia filosófica centrada na pessoa moral, cuja caminhada, feita em liberdade, se dirige até Deus. Este vetor fundamental do seu pensamento criacionista concilia o real e o ideal, a intuição e a razão, a matéria e o espírito, numa justa harmonia revelada nos sistemas filosóficos do Saudosismo e Criacionismo. Compatibilizando conhecimento científico, moral, artístico e religioso, o pensador português confere aos poetas a missão de profetas da humanidade, e aos poetas portugueses, em concreto, destina-lhes os mais altos voos como intérpretes da alma nacional. Em diferentes momentos, o pensador consagra-lhes páginas de exaltação e cumplicidade e António Nobre merecerá, de entre uma plêiade de escritores de Camões a Teixeira de Pascoaes, de Mário Beirão a Guerra Junqueiro, estatuto de poeta da Saudade.

### 11.2.2. Poesia e Filosofia ou “o poder criador do pensamento”

Como aponta Fernando Guimarães, ao longo da história da filosofia, de Platão a Schelling e a Heidegger, procurou-se estabelecer uma relação de conhecimento entre o problema do ser e a criação artística, desempenhando a linguagem, pela sua plurissignificação, um papel crucial como revelador da verdade do ser<sup>1234</sup>. Essa dimensão gnosiológica da poesia, perscrutadora da «vida interior»<sup>1235</sup>, só se alcança quando nela convergem as dimensões ontológica e simbólica. A Literatura e, em particular, a poesia, deve, deste modo, refletir o encontro entre a arte e o pensamento moral, estabelecendo através do mito e do símbolo a passagem do particular para o universal. Esta associação encontra-se, desde logo, sistematizada, desde 1912, na revista *A Águia* pela mão de Fernando Pessoa, com os seus ensaios sobre «A

<sup>1234</sup> Fernando Guimarães, «Ser, um problema filosófico-poético?», in Celeste Natário, Nuno Júdice, Paulo Motta e Retato Epifânio (Org.) *Filosofia e Poesia*. Congresso Internacional de Língua Portuguesa, Porto, 2016, pp. 130-131.

<sup>1235</sup> Leonardo Coimbra, «Teixeira de Pascoaes», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1984, p. 75.

Nova Poesia Portuguesa sociologicamente considerada», estabelecendo relação próxima entre a criação poética e as circunstâncias políticas e sociais que a enformam<sup>1236</sup>. É também, neste mesmo ano, que Leonardo Coimbra edita a sua tese *O Criacionismo* onde apresenta, pela primeira vez, no âmbito da fenomenologia literária, uma razão poética inspirada no quadrimínio do sociólogo russo Eugène de Roberty, apontando a ciência, a arte (poesia), a filosofia e a religião como os quatro pilares da vida, da matéria à consciência, tema a que dará desenvolvimento e profundidade, em ensaios dispersos.

Para os poetas da *Renascença Portuguesa*, que pela estética do Saudosismo desenvolveram uma forma de ser e viver poeticamente, é através da arte que se atinge o conhecimento absoluto – universal. Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra elevam o texto poético, confluência do sentimento e ideia, a ideal universalista que o poeta da Saudade põe em prática, fazendo chegar a sua poesia à vizinha Espanha e à América Latina, influenciando poetas espiritualistas como o catalão Fernando Maristany ou o uruguaio Carlos Sabat Erasty<sup>1237</sup>, e que o pensador criacionista perfilha na suas relações culturais estabelecidas, sobretudo, na década de vinte com Espanha e o Brasil<sup>1238</sup>.

Ao refletir sobre a realidade dialética da Arte, Leonardo Coimbra atribui à criação artística uma natureza ética e estética, na medida em que a arte, mediando entre a matéria e o espírito, possui valor social e pedagógico e atende aos ideais de beleza, esperança e caridade. Na expressão artística encontra o ser humano, no seu devir histórico, o «ponto de apoio para a interiorização». Através dela o homem manifesta a «ânsia infinita de amor e perfeição»<sup>1239</sup> e perscruta o «que há de imortal em nós»<sup>1240</sup>. A arte deve, pois, no entender de Leonardo Coimbra, traduzir amor, perfeição e a imortalidade do ser, refletindo a «alma humana nas suas relações cósmicas, nacionais e regionais»<sup>1241</sup> e, nesse sentido, a moderna poesia portuguesa deve assentar num triângulo onto-teorético, pontificado pelas axiologias poética, filosófica e teológica.

Desde «Humor Místico» (1907), que o pensador português se vê invadido por um sentimento cósmico transcendente, como uma experiência do absoluto, em consciência, e se delinea já a saudade criacionista, entre a lembrança e o desejo, entre a memória e a vontade. Como consciência livre, o poeta

<sup>1236</sup> Sobre este tema veja-se o estudo de Maria José Lopes Azevedo Domingues, *Fernando Pessoa e “A Nova Poesia Portuguesa”: da teoria à concretização poética em Pauis*, Lisboa, CLEPUL, 2013.

<sup>1237</sup> Cf. nosso estudo «Teixeira de Pascoaes e Carlos Sabat Erasty: uma amizade espiritual», (Estudo e edição de correspondência inédita), in *Actas del III Congreso sobre la enseñanza del español en Portugal*, Lisboa, Consejería de Educación, Embajada de España, 2008, pp. 174-184.

<sup>1238</sup> Sobre a relação de Leonardo Coimbra com o pensamento hispânico veja-se o nosso estudo *O Pensamento de Leonardo Coimbra: afinidades e convergências no espaço ibérico e ibero-americano*, Tese de Doutoramento, Lisboa, FCSH Universidade Nova de Lisboa, 2009.

<sup>1239</sup> Leonardo Coimbra, «Por Camões», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1984, p. 203.

<sup>1240</sup> *Ibidem*, pp. 200-201.

<sup>1241</sup> *Ibidem*.

perscruta as outras almas, em busca de compreensão e diálogo, e condensa num momento a essência do tempo para comunicar com o Absoluto: «ser poeta é eternizar o instante, é fazer da vida um contínuo deslumbramento, um permanente convívio com Deus»<sup>1242</sup>. Mas o poeta, essa «alma sensível e generosa»<sup>1243</sup>, que Leonardo Coimbra vaticina como um «futuro teólogo», porquanto mediador entre o humano e o divino, é também um exilado, um desterrado e proscrito, um *Asheverus* de ideal. Limitado, no seu devir histórico, o homem é vítima do tempo e do espaço em que lhe toca viver: «Esta pobre Natureza que me cerca e eu beijo é, como eu, vítima do tempo»<sup>1244</sup>. Cabe ao artista (poeta), através da criação literária, a capacidade de fixar e condensar o tempo e o espaço, «refazendo o tempo da multiplicidade sucessiva por uma seleção, que expulsa os elementos de morte, diversidade pura ou matéria, e reúne os elementos de concórdia ou de convivência fraterna»<sup>1245</sup>. Na esteira da escola romântica oitocentista, Teixeira de Pascoaes vê na poesia a tarefa de «elevar a alma do homem acima da sua própria contingência»<sup>1246</sup> e, na mesma linha, Leonardo Coimbra confere ao artista/ poeta, a missão transcendental de eternizar os valores morais<sup>1247</sup>, lutando contra o fatalismo e a contingência do espaço e do tempo, ao encontro da pluralidade dos seres e da compreensão universal:

O homem canta e no ritmo da sua voz passa a harmonia das esferas, o abraço da gravidade que dá ao seu corpo a companhia dos mundos, e, no ritmo da sua voz, passa o movimento do seu coração, que bate e palpita, no mistério do Infinito, os segredos do seu amor insaciável.<sup>1248</sup>

São diversas as referências textuais leonardinas aos poetas religiosos, desde os seiscentistas místicos aos contemporâneos, que pela sua exemplaridade moral assumem lugar de relevo na dialética artística e religiosa do pensador. De Santa Teresa de Jesus (Ávila, 1515-1582) a Juan de la Cruz (Ávila, 1542-1591), mestres da mística cristã do Ocidente, ao poeta contemporâneo José Maria Gabriel y Galán (Salamanca, 1870-1905) que, irmanados pelo espiritualismo cristão, são «mónadas superiores», exemplos vivos de como «o

<sup>1242</sup> Leonardo Coimbra, «Aos Poetas Portugueses religiosos», in *Dispersiones I – Poesia Portuguesa*, p. 24.

<sup>1243</sup> Leonardo Coimbra, «Teixeira de Pascoaes», in *Dispersiones I – Poesia Portuguesa*, p. 79.

<sup>1244</sup> Leonardo Coimbra, «O Poeta», in *Dispersiones I – Poesia Portuguesa*, p. 18.

<sup>1245</sup> Leonardo Coimbra, «A Arte. (Um músico português: Américo Ângelo)», in *Dispersiones I – Poesia Portuguesa*, p. 64.

<sup>1246</sup> Teixeira de Pascoaes, *Era Lusitana (Prosa, conferência)*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1914, p. 158.

<sup>1247</sup> Leonardo Coimbra, «O Poeta», in *Dispersiones I – Poesia Portuguesa*, p. 19.

<sup>1248</sup> Leonardo Coimbra, «A Arte. (Um músico português: Américo Ângelo)», in *Dispersiones I – Poesia Portuguesa*, pp. 63-64.

homem pela fé pode viver a própria presença de Deus»<sup>1249</sup> e «compreender-se como uma saudade de Deus»<sup>1250</sup>.

Através dos sistemas filosóficos do Saudosismo e do Criacionismo, Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes pretendem fazer ressurgir Portugal, procurando na expressão popular, nos seus cantos, costumes e tradições, a essência da «alma Lusitana»<sup>1251</sup>, e a revista *A Águia* dará expressão a todos os escritores «em cuja alma vive a seriedade e, humanamente, a alma do seu povo»<sup>1252</sup>. No ensaio «A Poesia e a Filosofia Moderna em Portugal», o pensador criacionista medita sobre a matriz épico-lírica da poesia portuguesa, tradutora de um pensamento metafísico autóctone, marcado pelo panteísmo e pelo Saudosismo, uma «saudosa ternura» de «unidade de amor na comunicação das almas»<sup>1253</sup> e alude à musicalidade do texto poético e à sua finalidade cosmogónica: «o ritmo da voz humana casa-se ao ritmo dos astros e é figura, gesto, atitudes...»<sup>1254</sup>.

Leonardo Coimbra elege aqueles poetas que se inscrevem na razão intuitiva, que melhor expressam a onticidade lírica, ou seja, que traduzem de modo criacionista, o ser, através da expressão poética ou artística. São eles Afonso Duarte, Afonso Lopes Vieira, Augusto Casimiro, Guerra Junqueiro, Camões, Teixeira de Pascoaes, Mário Beirão, Correa d'Oliveira, Jaime Cortesão, António Nobre, Soares dos Reis e António Carneiro. Poetas e artistas que perfilham o Saudosismo, «otimista e crente», desde os impressionistas «da cor e da alegria pagã» aos religiosos porta-vozes das «correntes de espírito criador e confiante»<sup>1255</sup>. Devemos incluir na poética da Saudade o próprio Leonardo Coimbra, considerado pelos seus discípulos e pares como «o mais poético dos filósofos»<sup>1256</sup>, sobretudo em *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916).

Procurando sistematizar o pensamento poético, Leonardo Coimbra considera que na poesia há um equilíbrio, quase sempre logrado, entre a sensibilidade e a representação, em que a analogia assume papel crucial como «o mais

<sup>1249</sup> Leonardo Coimbra, «O Poeta do mundo invisível», in *Cartas, conferências, discursos, entrevistas e bibliografia geral*, Compilação e notas de Jesué Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, Lisboa, Fundação Lusíada, 1994, p. 299.

<sup>1250</sup> Leonardo Coimbra, «O Mistério», in *Dispersos III – Filosofia e Metafísica*, Compilação, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, Nota preliminar de Francisco da Gama Caiiro, Lisboa, Editorial Verbo, 1988, p. 128.

<sup>1251</sup> Leonardo Coimbra, «Os Cantos, a Música, os Costumes Populares», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 43.

<sup>1252</sup> Leonardo Coimbra, «O nosso caminho», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 46.

<sup>1253</sup> Leonardo Coimbra, «A Poesia e a Filosofia Moderna em Portugal», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 35.

<sup>1254</sup> Leonardo Coimbra, «A Arte. (Um músico portuense: Américo Ângelo)», *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 64.

<sup>1255</sup> Leonardo Coimbra, «Um aspecto da Lei da Separação», in *Dispersos – Poesia Portuguesa*, p. 31.

<sup>1256</sup> Pinharanda Gomes, Nota Preliminar a *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 8.

profundo e sempre implicado processo de conhecimento»<sup>1257</sup>, que o leva a estabelecer relação de equilíbrio entre o homem e a natureza, numa «transfiguradora capacidade de desenvolver associações e correspondências»<sup>1258</sup>. Mais do que estabelecer, como mais tarde, Octávio Paz, uma «estética da correspondência entre todos os seres e os mundos»<sup>1259</sup>, o processo analógico leonardino pressupõe uma ontologia pela existência de dois planos de realidade diferentes que separam os seres do Ser, que admitem uma super-existência de Deus<sup>1260</sup>, tendo Jesus por mediador entre o homem e o divino. Assim, Jesus é a própria analogia, permitindo, no dizer de Arnaldo de Pinho, uma «harmonia entre a filosofia da natureza e a transcendência»<sup>1261</sup>. Trata-se de uma analogia cristológica do ser, que seja o ponto de encontro entre o mundo sensível e o mundo ideal. Ciente de que só através das dialéticas poética e religiosa ou lírico-religiosa, expressões anti-cousistas da experiência, que desocultam o divino, se pode contactar com o invisível espiritual, Leonardo aclara que o «estado poético é um estado de graça», «é tentar a ressurreição»<sup>1262</sup>. Questionando, pertinentemente, sobre «o que há de novo na poesia?» será a «rima? O ritmo? Não». É algo diferente: «o contágio de alma a alma; a alma do homem com a das coisas»<sup>1263</sup>.

### 11.2.3. A poética de António Nobre – breve síntese

António Pereira Nobre nasceu na cidade do Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, em 1867, no seio de uma família abastada, da burguesia rural nortenha. Cedo se revelou no jovem Nobre, a fragilidade e a criatividade que dele fizeram o poeta sensível, irmão da saudade, cultor de uma simplicidade genuína, do pensar e do sentir do povo português, nas suas lides, alegrias

<sup>1257</sup> Leonardo Coimbra, «A Morte», in *Obras Completas II* (1913-1915), Pref. António Braz Teixeira, Col. Pensamento Português, Lisboa, INCM, 2005, p. 82. Sobre este tema vejam-se, ainda, Arnaldo de Pinho, *Leonardo Coimbra, Biografia e Teologia*, Porto, Lello Editores e Universidade Católica Portuguesa Centro Regional do Porto, 1999, pp. 175-181 e Paulo Borges, *Pensamento Atlântico*, Estudos Gerias Série Universitária, Lisboa, INCM, 2002, pp. 256-257. Leonardo Coimbra refere-se à «representação metafórica» como «cousismo poético» dada pelos «animistas» que desprovêm a vida de «instrumentos de acção». In *O Criacionismo, Obras Completas I* (1903-1912), tomo II, Lisboa, INCM, 2004, p. 356.

<sup>1258</sup> Fernando de Guimarães, *Poética do Saudosismo, Lisboa: Editorial Presença*, 1988, pp. 43-44.

<sup>1259</sup> Octávio Paz, *Os filhos do barro. Do Romantismo à Vanguarda*, Trad. Olga Savary, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 98.

<sup>1260</sup> Veja-se, a respeito, a sua conferência intitulada «Deus não existe...» (1934), in *Cartas, conferências, discursos e entrevistas*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1994, pp. 296-297.

<sup>1261</sup> Arnaldo de Pinho, *Leonardo Coimbra. Biografia e Teologia*, Porto, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto e Lello Editores, 1999, p. 181.

<sup>1262</sup> Leonardo Coimbra, «O Poeta do Mundo Invisível», in *A Voz do Marão*, Amarante, ano I, n.º 2, (15 de Janeiro de 1935), p. 1. In *Cartas, conferência, discursos e entrevistas*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1994, p. 298.

<sup>1263</sup> *Ibidem*.

e tragédias. Amadurecendo uma sensibilidade poética em *Primeiros Versos* (1882-1889), que se revelará mais consistente em *Só* (1892), único livro publicado em vida e editado em Paris, e em *Despedidas* (1895-1899), Nobre inicia colaboração, ao lado de seu irmão Augusto, na revista *A Mocidade* e trava amizade com Alberto d' Oliveira, autor do livro neogarrettiano *Palavras Loucas* (1894) e com o jovem e promissor escritor Raul Brandão<sup>1264</sup>. Ingressa, em 1888, na Universidade de Coimbra onde inicia os seus estudos em Direito e aí desenvolve um estilo poético próprio, fazendo escola no meio académico. Colabora na revista *Boémia Nova*<sup>1265</sup>, fundada pelo seu amigo Alberto de Oliveira, mas a polémica com o grupo d' *Os Insubmissos*<sup>1266</sup>, a generalizada inadaptação ao ambiente coimbreense e o insucesso académico, condu-lo a Paris onde, entre 1890 e 1895, frequenta a Escola Livre de Ciências Políticas e a Faculdade de Direito da Universidade de Sorbonne. Contrai, entretanto, a doença da tuberculose que o obriga a percorrer a Suíça, a Madeira, o Estoril, Belas e Nova Iorque ou a refugiar-se na Quinta do Seixo, na tentativa de cura<sup>1267</sup>. Esta circunstância marcará, na última década da sua existência, que finda, em 1900, a sua obra poética, de feição meditativa e integral, que constitui uma referência na Literatura Portuguesa.

Em António Nobre sintetizam-se as estéticas finisseculares em efervescência, desde o tardo Romantismo, ao Decadentismo e Simbolismo, a que não são alheios laivos de Lusitanismo, Nacionalismo e Sebastianismo, cultivados na época por uma plêiade de escritores, de Fernando Pessoa a Afonso Lopes Vieira, e anunciadores do advento do Modernismo. Dotado de um estilo pessoal, emotivo e intimista, avesso a escolas literárias, o cânone literário nacional atribui-lhe, todavia, o mérito de renovador do romantismo garrettiano, de cariz nacionalista, que se converte no movimento literário do Neogarrettismo<sup>1268</sup>, cultivado de forma transversal, por monárquicos e republicanos, como Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Sardinha, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, António Arroio, Fortunato de Almeida, J. Lúcio de Azevedo, M. da Silva Gaio e Carlos Malheiro Dias. É-lhe, porém, reconhecida uma personalidade artística alicerçada na sua originalidade poé-

<sup>1264</sup> Cf. Maria Ema Tarracha Ferreira, Introdução a *Só* de António Nobre, Lisboa, Ed. Ulisseis, 1989, p. 12.

<sup>1265</sup> Fundada por Alberto de Oliveira, esta revista literária e de ciência terá colaboração de António Nobre logo no primeiro número, a 15 de fevereiro de 1889, com o polémico «Ode ao Rapazes Novos» e «Neto-Avô», no número seguinte.

<sup>1266</sup> Revista criada por Eugénio de Castro, João Menezes e Francisco Bastos com o intuito de rivalizar com a revista *Boémia Nova*, propondo uma renovação da poesia portuguesa. In Maria Ema Tarracha Ferreira, Introdução a *Só*, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 2ª ed. 1998, pp. 36-38.

<sup>1267</sup> Fernanda Frazão, Maria Filomena Boavida, *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa*, Camarate, Amigos do Livro, 1983, p. 300.

<sup>1268</sup> Maria Ema Tarracha Ferreira, Introdução a *Só*, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 2ª ed. 1998, p. 22.

tica e sensibilidade estética, entre o individualismo e o universalismo do ser, entre a tradição e a modernidade.

Importa salientar, ainda que de forma sucinta, alguns dos temas e motivos mais prementes da poética de António Nobre que se destacam pelo seu cariz autobiográfico. Desde logo, a finitude da pátria e o sebastianismo, como no poema épico-lírico «O Desejado», inserido em *Despedidas*. Num momento crítico da história nacional, António Nobre adere à revivescência nacionalista que desponta então, cultivando a mitogenia e as tradições lusas, num manifesto apego ao popular e ao telúrico torrão natal que o aproximam de Rosalía de Castro, louvada por Teixeira de Pascoaes como a «Divina Rosalía. Ó santa protectora/ da terra da Galiza, a nossa terra Mãe»<sup>1269</sup> e a quem Leonardo Coimbra equipara ao «melhor lirismo português»<sup>1270</sup>. A portugalidade, nos seus contrastes e antinomias, perpassa a obra poética de Nobre, em descrições de elevado impressionismo<sup>1271</sup>. O poeta recorda a época áurea dos descobrimentos: «...anda ver o meu país de Marinheiros,/ O meu país das Naus, de esquadras e de frotas!»<sup>1272</sup> e, ao mesmo tempo, experimenta a sensação cenestésica, de vazio, de crise de consciência da própria identidade, que se vive no seu tempo: «Vês teu país sem esperança»<sup>1273</sup>. O seu lusitanismo expressa-se, de igual modo, na evocação das tradições, costumes e labores populares. A literatura oral dos pregões, lendas e cantigas; as crenças religiosas exteriorizadas nas romarias e procissões, como em «Lusitânia no Bairro Latino»<sup>1274</sup>, a dignificação do trabalho do povo, seja pescador, lavrador ou moleiro, e a exaltação das suas qualidades, como a sua pureza e simplicidade, que se destaca no verso parcial: «o povo é uma criança»<sup>1275</sup>. A inovação temática introduzida nos seus poemas é acompanhada de novos ritmos, sobretudo em *Só*, proporcionados pela combinação de diversidade estrófica e verso realista que se evidencia pela expressiva oralidade e cadência do seu discurso. Traços que se articulam, do ponto de vista formal, com a erudição clássica (soneto), com recurso a versos alexandrinos, de influência decadentista. Versos que sofrem, contudo, alterações rítmicas pela quebra da isocronia do discurso, conferindo-lhe mais «naturalidade»<sup>1276</sup>, ao gosto simbolista.

<sup>1269</sup> Teixeira de Pascoaes, «Santa Rosalía» (1952), in *Antologia Poética*, Cancioneiro rosaliano, Viseu, Guimarães Editores, 1985, p. 173.

<sup>1270</sup> Leonardo Coimbra, «Entrevista. Portugueses em Espanha», in *Jornal de Notícias*, Porto, ano 34, n.º 216 (13 de setembro de 1921), p. 1. In *Cartas, conferência, discursos e entrevistas*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1994, p. 94.

<sup>1271</sup> Destaque-se, a título exemplificativo, «Males de Anto – I – A Ares numa aldeia», in *Só*, Lisboa, Biblioteca Ulisseus de Autores Portugueses, 1998, pp. 232-244.

<sup>1272</sup> António Nobre, «Lusitânia num Bairro Latino», in *Só*, Lisboa, Biblioteca Ulisseus de Autores Portugueses, 1998, p. 97.

<sup>1273</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>1274</sup> *Ibidem*, pp. 91-103.

<sup>1275</sup> António Nobre, «Entre Douro e Minho – Purinha», in *Só*, p. 106.

<sup>1276</sup> M. Ema Tarracha Ferreira, Introdução a *Só*, p. 53.

Mas se as suas descrições se revestem de vida e luz também não descuram a sombra e a morte, tomando o poeta as dores do mundo, na interpretação da dor e da miséria humanas<sup>1277</sup>, como se espelha nos poemas «António» ou «Males de Anto»<sup>1278</sup> ou em plena identificação com os deserdados e todos os que são atingidos pelo «trágico fado»<sup>1279</sup>, que é também o seu. É, de igual modo, recorrente a sua relação com a natureza «Ó Natureza! Tão amigos são os dois!...»<sup>1280</sup>, dela ressoando temas e motivos que se prendem com a contemplação da paisagem, em consonância com o estado de espírito do poeta como em «Poentes de França». É, nesse sentido, vasto o número de referências aos diferentes espaços geográficos e às vivências que o poeta neles experimenta, em diferentes momentos da sua breve existência, descritos ora com realismo, ora mitificados quando associados aos seus antepassados ou à sua infância, entrando, assim, no domínio da «geografia sentimental e poética»<sup>1281</sup>. A paisagem «etérea e doce»<sup>1282</sup> do campo, rio ou mar influi no estado de espírito do poeta e ilustra momentos felizes da sua vida, através do recurso a imagens sinestésicas de «Cor, de Luz, de Som»<sup>1283</sup>, dos «Moinhos ao vento! Eiras! Solares», «Ao Sol, fulgura o oiro dos milhos», «E, meiga, tombava a tardinha...»<sup>1284</sup>, ou o «Mondego dos choupos»<sup>1285</sup>.

Na poesia de António Nobre está, igualmente, latente a memória, descrevendo com lucidez lugares, figuras, nomes e circunstâncias do cotidiano, uma memória fotográfica narrada com um realismo vivencial, recorrendo ao processo de hipotipose<sup>1286</sup>, alternando descrição e narração de factos como se de um retrato pictórico se tratasse. Uma memória que coleciona instantes, inteiros ou fragmentados, como o próprio eu poético se afigura reiteradamente, e que se transfigura em imagens oníricas de um passado que não volta, povoado por símbolos e mitos que traduzem o declínio da pátria: «À Índia da ilusão, ao Brasil da Quimera!»<sup>1287</sup>. Mas em António Nobre, a Memória atinge uma dimensão ontológica, metafísica e escatológica, contemplando diferentes níveis de temporalidade, da génese à eternidade, da lembrança à saudade do futuro, perspetiva metafísica que em muito se aproxima

<sup>1277</sup> António Nobre, «Lusitânia num Bairro Latino», in *Só*, p. 103.

<sup>1278</sup> António Nobre, «António», in *Só*, p. 88.

<sup>1279</sup> António Nobre, «Males de Anto – I – A Ares Numa Aldeia», in *Só*, p. 238.

<sup>1280</sup> *Ibidem*, p. 239.

<sup>1281</sup> Maria Ema Tarracha Ferreira, Introdução a *Só*, p. 9.

<sup>1282</sup> António Nobre, «Viagens na Minha Terra», in *Só*, p. 132.

<sup>1283</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>1284</sup> *Ibidem*, pp. 132-133.

<sup>1285</sup> António Nobre, «Saudade», in *Só*, p. 130.

<sup>1286</sup> Paula Mourão, «António Nobre», in Centro Virtual Camões <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/antonio-nobre.html#.WTV3zmjyIU>

<sup>1287</sup> António Nobre, «Males de Anto – I – A Ares Numa Aldeia», in *Só*, p. 234.

da *lembrança* galega ou da estética da Saudade de Teixeira de Pascoaes: «...E ocorre-me à lembrança/ Todo esse tempo que já lá vai»<sup>1288</sup>.

Sobressai desse sentimento nostálgico da saudade a representação da infância, recorrente na poética nacional, de Fernando Pessoa a Teixeira de Pascoaes ou Cesário Verde, e que se assume como temática central na obra de António Nobre. Como lugar de nostalgia e encantamento, a infância representa em Nobre o regresso ao estado original, procurando resgatar esses escassos e longínquos momentos de felicidade e traze-los para o presente perpetuando-os, entrecruzando diferentes espaços temporais da vida do sujeito poético, como no poema «Na Estrada da Beira»: «Aqui, no meio desta fria soledade,/ Evoco a Coimbra triste, em seu aspecto moiro [...] Vejo o meu quarto de dormir, todo caiado»<sup>1289</sup>. Situado no limbo entre duas vidas ou duas idades distintas, o poeta deseja recuperar, no conceito de Gilles Deleuze<sup>1290</sup>, o devir criança, recriando no menino que foi, uma nova história e um novo início. Processo que resulta salvífico para o poeta, como um lenitivo face ao sofrimento presente. Na dicotomia de contrastes, o recuo à meninez, como período de abundância, inocência e felicidade inconsciente, onde todas as utopias eram possíveis, contrasta com a vida adulta, perpassada pela precaridade de afetos e pela triste desagregação do ser. O poeta é, agora, um «desgraçado»<sup>1291</sup>, que deambula sem rumo, na cidade das ilusões perdidas, em «Carta a Manuel»: «Vida claustral, bacharelática, funesta,/ Numa cidade assim, cheirando essa indecente»<sup>1292</sup>. Trata-se de um discurso seletivo e, por isso, efabulado da memória, pontificado por aspetos simbólicos e alegóricos: «Quantos sonhos, meu Deus! Quantas recordações!/ Fastasmas do Passado, ofélicas visões»<sup>1293</sup>.

A vida, efémera e irreversível, apresenta-se como sonho, que António Nobre pretende recuperar pela sua condição de poeta visionário e predestinado: «E eu o Astrólogo, o Bruxo, o Aflito, o Médico»<sup>1294</sup>. Associado a este tópico, os temas do fatalismo e a morte tornam-se mais pungentes na sua poética, enquanto motivos autobiográficos. Além do isolamento e da distância, que convertem o poeta em «pobre moleiro da Saudade»<sup>1295</sup>, é a doença e o espectro da morte que, como viu Urbano Tavares Rodrigues, «já é morte em vida»<sup>1296</sup>, passam a acompanhar o poeta em longos e sofridos versos: «Um

<sup>1288</sup> António Nobre, «O meu cachimbo», in *Só*, p. 152.

<sup>1289</sup> António Nobre, «Na Estrada da Beira», in *Só*, p. 218.

<sup>1290</sup> Gilles Deleuze, «Literature and Life», (Translated by Daniel W. Smith and Michael A. Greco), *Critical Inquiry* 23 (winter 1997), pp. 225-230.

<sup>1291</sup> António Nobre, «António», in *Só*, p. 82.

<sup>1292</sup> António Nobre, «Carta a Manuel», in *Só*, p. 120.

<sup>1293</sup> *Ibidem*, p. 119.

<sup>1294</sup> António Nobre, «Entre Douro e Minho – Purinha», in *Só*, p. 109.

<sup>1295</sup> António Nobre, «Lusitânia no Bairro Latino», in *Só*, p. 93.

<sup>1296</sup> António Nobre é um dos poetas referidos pelo autor, cuja relação com a morte é marcada pelo «nirvanismo budista». In Urbano Tavares Rodrigues, *O Tema da Morte na Moderna Poesia Portuguesa*, Sep. Gral, 4, Lisboa, 1957, p. 13.

berço que dormia era um caixão prà cova!/ Via a Foice no Céu, quando era Lua-Nova.../ [...] A pomba que passava era a minha alma a voar.../ e era a minha agonia um pinhal a ulular!»<sup>1297</sup>.

#### 11.2.4. António Nobre segundo Leonardo Coimbra – uma leitura criacionista da poética de *Anto*

Com uma ascendência irrefutável sobre os poetas da *Renascença Portuguesa*, sobretudo em Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, António Nobre lega aos mentores daquele movimento o seu nacionalismo literário, de cariz neogarretiano, corrente determinante na formação do Saudosismo, como movimento literário e filosófico<sup>1298</sup>. De António Nobre herda Teixeira de Pascoaes a saudade da infância e o culto da paisagem física e humana nacional, de feição saudosista<sup>1299</sup> e é, precisamente, a matriz lusitana, metafísica e cósmica da poética de Nobre, que se revela modelar para o pensamento criacionista de Leonardo Coimbra, na relação que o pensador estabelece entre criação poética, espiritualidade e pensamento.

António Nobre surge, em diversos ensaios dos mentores da Renascença, como pertencente à Nova Escola de poetas e artistas cósmicos, dotados de um «pensamento de largas possibilidades, ávido de ser e universalismo»<sup>1300</sup>, entre a «criação artística e a realização moral»<sup>1301</sup>. Esta revitalização da poesia portuguesa, afeta ao Saudosismo, será divulgada além-fronteiras tanto no Brasil, com a difusão da revista *A Águia*, como em Espanha através das conferências proferidas pelos mentores da *Renascença Portuguesa*, como é o caso do ensaio de Leonardo Coimbra, traduzido e editado no país vizinho, intitulado «Sobre la Moderna Poesia Portuguesa» (1922). Nesse texto, que pretende levar ao público espanhol a poesia de Antero, Pascoaes, Junqueiro, Raul Brandão e António Nobre, o filósofo refere-se à representação «da alma popular» na literatura portuguesa e, com especial expressividade, no poeta portuense, como solução para «a crise de valores»<sup>1302</sup> que se manifesta no Portugal de então:

Con el gran Antonio Nobre; su obra es alegría de la tierra, de las labranzas de las ermitas, de todo lo que es aire limpio del campo y

<sup>1297</sup> António Nobre, «Males de Anto – I – A Ares Numa Aldeia», in *Só*, p. 238.

<sup>1298</sup> Cf. M. Ema Tarracha Ferreira, Introdução a *Só*, pp. 47-48.

<sup>1299</sup> Sobre este tema veja-se de Jorge Coutinho, *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes. Estudo hermenêutico e crítico*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia, Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1994, pp. 58-59.

<sup>1300</sup> Leonardo Coimbra, «A Poesia e a Filosofia Moderna em Portugal», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 35.

<sup>1301</sup> Leonardo Coimbra, *A Luta pela Imortalidade*, Porto, Renascença Portuguesa, 1918, p. 56.

<sup>1302</sup> Leonardo Coimbra, «Sobre la Moderna Poesia Portuguesa», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 49.

de la montaña, el alma del zagal, del campesino; como es también su agonía de ir perdiendo la vida, *universalizada* como sentimiento humano de fuga del tiempo y tan ingenuamente que el Poeta, dentro de sus sonetos, es la criatura abrigada del Viento y de la Muerte en el seno cariñoso de su Madre.<sup>1303</sup>

Por sua vez, Teixeira de Pascoaes, referindo-se à sensibilidade dos novos poetas, alude à poesia de António Nobre como possuidora de «alma e corpo, vibra ante a Forma e o Espírito, ao mesmo tempo e com a mesma energia...», atribuindo a Camões, Camilo, Bernardim Ribeiro e ao próprio António Nobre uma sensibilidade «inconsciente e instintiva», que o mentor do Saudosismo reclama como traço distintivo da sua geração, e que se definiu e revelou «em princípio religioso e filosófico»<sup>1304</sup>. António Nobre é, assim, o «grande intérprete» da saudosa tristeza, da «Lusitana melancolia luminosa»<sup>1305</sup>, cristã e pagã.

De igual modo, para Leonardo Coimbra a religiosidade de António Nobre, espelha-se na forma como encara a vida, «uma contínua afirmação de absoluto no meio do universal relativismo dos fenómenos»<sup>1306</sup>, realizando «transposições analógicas»<sup>1307</sup> que lhe permitem associar o homem à natureza:

Estes cadernos são memórias, o esforço duma alma para fixar, dar corpo de eternidade à exígua vida transitória, que, em nós e à nossa roda, incessantemente foge. Uma larga folha de plátano (já morto em companhia do Poeta, ainda vivo?) estilizada de recordações, nomes que passam e por cima a letra do poeta falando – «Vida Humana».<sup>1308</sup>

Leonardo Coimbra detém-se no valor da linguagem comunicada pelo poeta, pois «uma palavra que encontra ressonância pode abalar e destruir montanhas»<sup>1309</sup>, chamando, particularmente, a sua atenção o verso «Viajei em Cruz no Planeta (no Oceano)», que o pensador interpeta à luz da sua dialética criacionista: «O pensamento completo é criador, a palavra é semente, que, ao morrer, rasga a terra e sobe à luz em caule»<sup>1310</sup>. Como referimos anteriormente, Leonardo Coimbra socorre-se da linguagem analógica no seu discurso filosófico, como processo cognitivo de comunicação, como «o último processo

<sup>1303</sup> *Ibidem*, pp. 51-52.

<sup>1304</sup> Teixeira de Pascoaes, *O Espírito Lusitano e o Saudosismo*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1912, pp. 8-10.

<sup>1305</sup> Teixeira de Pascoaes, *O Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa*, Porto, Renascença Portuguesa, 1913, pp. 16-17.

<sup>1306</sup> Leonardo Coimbra, «António Nobre», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 113.

<sup>1307</sup> Fernando Guimarães, *Poética do Saudosismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p. 42.

<sup>1308</sup> Leonardo Coimbra, «António Nobre», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 115.

<sup>1309</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>1310</sup> *Ibidem*.

de conhecimento do filósofo e o primeiro do Poeta»<sup>1311</sup>, desempenhando um papel significativo na percepção, memória, criatividade e emoção, recorrendo ao uso de metáforas, comparações, alegorias ou parábolas. O pensador reconhece na poética de António Nobre a recorrência ao mesmo processo, exemplificado por Leonardo como «a resina do pinheiro é todo o Portugal» e é essa subtileza simbólica da linguagem poética, que «libertando a Memória faz com que um poeta tome o grão de areia e nele condense todo o brilho dos céus»<sup>1312</sup>. O poeta, como «condensador de recordações»<sup>1313</sup>, recupera a memória, transfigurando-a em consciência no presente, traduzindo os seus versos «memórias» que refletem o «drama da existência», procurando «dar corpo de eternidade à exígua vida transitória»<sup>1314</sup>.

No ensaio intitulado «António Nobre», Leonardo apresenta e analisa, com detalhe, as duas versões do soneto «Ao cair das Folhas». Leonardo constata que, entre a primeira e a segunda versão, é «o progresso do pensamento a realizar-se»<sup>1315</sup>, elogiando a «plasticização» do raciocínio do poeta e concluindo que «o esforço para a consciência e da consciência para a forma é duma comovedora beleza nos seus versos infantis. Que os nossos olhos religiosamente os contemplan e a nossa palavra deles possa religiosamente falar!»<sup>1316</sup>.

Leonardo Coimbra atenta, particularmente, nas tradições portuguesas que António Nobre canta na sua poesia, que o convertem no bardo da «rústica, camponesa e fidalguinha de aldeia»<sup>1317</sup> e salienta as imagens sinestésicas, de «Cor, de Luz, de Som»<sup>1318</sup>, recorrentes na poética de *Anto*, que traduzem a emoção, o misticismo, a vocação marítima, o culto da tradição e o génio da raça:

Elegantes como cadernos de sonhadora miss, adelgaçada e grácil, eles ficam em meus ouvidos a rezar o seu rosário de pérolas, lágrimas, tonturas de sol, evanescências de luar, murmúrios da fonte e do regato, clamores do oceano e do vento, perfumes rústicos de alfazemas e cravo, sonoridades brônzeas, gritos da luz meridiana e sombras do crepúsculo, rancho de raparigas cantando a epopeia agrícola da Terra...<sup>1319</sup>.

<sup>1311</sup> Leonardo Coimbra, «A Poesia e a Filosofia Moderna em Portugal», in *Dispensos I – Poesia Portuguesa*, p. 38.

<sup>1312</sup> Leonardo Coimbra, «António Nobre», in *Dispensos I – Poesia Portuguesa*, p. 123.

<sup>1313</sup> Leonardo Coimbra, «Regresso ao Paraíso», in *Dispensos I – Poesia Portuguesa*, p. 90.

<sup>1314</sup> Leonardo Coimbra, «António Nobre», in *Dispensos I – Poesia Portuguesa*, p. 115.

<sup>1315</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>1316</sup> *Ibidem*, p. 125.

<sup>1317</sup> Leonardo Coimbra, «Sobre a Saudade», in *A Águia*, 3ª série, n.º.11-12 (1923), pp. 147-164.

António Nobre, «Viagens na Minha Terra», in *Só*, p. 131.

Leonardo Coimbra, «António Nobre», in *Dispensos I – Poesia Portuguesa*, p. 114.

<sup>1318</sup> António Nobre, «Viagens na Minha Terra», in *Só*, p. 131.

<sup>1319</sup> Leonardo Coimbra, «António Nobre», in *Dispensos I – Poesia Portuguesa*, p. 114.

O drama da morte, tema recorrente na literatura portuguesa<sup>1320</sup>, e extensivamente tratado por António Nobre, prende, de igual modo, a atenção do pensador criacionista. Da leitura e releitura dos cadernos de Nobre, Leonardo retém tópicos afetos ao tema da morte, como a sua conceção trágica e poética; o problema do esquecimento «verdadeira morte da nossa experiência»<sup>1321</sup>; a morte como companheira do poeta, na sua «viva presença, e a “intuição” da imortalidade; a referência, por vezes sarcástica, a cemitérios, como sinal de “abandono, transcendente humildade, religiosa aceitação...”<sup>1322</sup> ou a resignação da morte, encarando-a como «Repouso ...para esquecimento das dores que nos torturavam...»<sup>1323</sup>. Os «dedos subtilizadores da Morte»<sup>1324</sup> agudizam a sua «hipersensibilidade»<sup>1325</sup>, remetendo o poeta para um «pessimismo metafísico, absoluto»<sup>1326</sup>, que lhe permitem deambular, numa «eterna dualidade, eterno conflito», entre o ideal e o real, entre o materialismo da vida e o encontro com Deus, entre «Deus e Diabo. Bem e o Mal, alma sedenta de beleza e matéria empedernida de indiferença»<sup>1327</sup>. Associado à morte, a Dor constitui a trave mestra desta temática, na medida em que o poeta é o «grande Iniciado da Dor», pressentindo-a como «função religiosa», «grande abraço unificador» com o Mistério<sup>1328</sup>. Mas o tema da dor surge também ligado à queda e redenção da pátria «"Vasco da Gama que voltas dá no seu leito sem poder dormir"», verso que Leonardo Coimbra interpreta como «Audácia, aventura, remorso, o sonho infinito da raça... O mar canalizado para a cova dum túmulo e não cabe, não pode aquietar-se, é maré que se rasgará um leito, afundando a cova até novos astros...»<sup>1329</sup>.

A ensaística leonardina, alusiva à obra poética de António Nobre, tem a particularidade de ser palimpsestica, na medida em que a sua análise estimula no pensador uma recriação poética que resulta num outro texto que emerge a partir dos versos de António Nobre, tal é o impacto da sua poética no pensador. Esta relação intertextual deve-se, em larga medida, à «presença» de António Nobre sentida por Leonardo Coimbra, a quem situa entre «aqueles que mais adentro de nossa alma moram»<sup>1330</sup> para, por fim, sair revigorado da leitura dos versos de Anto:

<sup>1320</sup> Cf. Urbano Tavares Rodrigues, *O tema da Morte na Moderna Poesia Portuguesa*, Sep. Gral, 4, Lisboa, 1957.

<sup>1321</sup> Leonardo Coimbra, «António Nobre», in *Dispersos I – Poesia Portuguesa*, p. 116.

<sup>1322</sup> *Ibidem*, p. 117.

<sup>1323</sup> *Ibidem*, p. 118.

<sup>1324</sup> *Ibidem*, p. 114.

<sup>1325</sup> *Ibidem*, p. 114.

<sup>1326</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>1327</sup> *Ibidem*, p. 114.

<sup>1328</sup> *Ibidem*, p. 118.

<sup>1329</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>1330</sup> *Ibidem*, p. 115.

Foi bom, foi doce, agora é grande, excitador, formidável, condensação de energias infinitas, mais vivo, o único vivo, a grande luz e Vida de que a nossa é a sombra meridiana quase nula, a fugitiva morte do Instante...

A Morte é uma grande estrada de luz, perdendo-se no inacessível clarão da Alvura, romaria de almas, rio luminoso e cantante, sumindo-se no branco derramamento dum sol incorpóreo...<sup>1331</sup>.

### 11.2.5. Síntese conclusiva

Entendendo que o homem pertence a vários planos de vida espiritual, como cidadão da pátria, ser religioso e parcela consciente do universo, é pela razão poética que se manifesta o sentimento-ideia que preside ao Criacionismo como «expressão especulativa»<sup>1332</sup> do Saudosismo. A forma como o poeta procura desvendar os mistérios do universo, a originalidade que imprime à sua poesia, comunicando através da linguagem simbólica/ analógica os dramas da existência, e o modo intuitivo e espiritual com que abraça o absoluto, são traços distintivos de um poeta com uma pulsação cósmica como António Nobre, com o qual Leonardo Coimbra profundamente se identifica<sup>1333</sup>. Como viu Jorge de Sena:

Uma poesia de contemplação e de Saudade, que proclama a futuridade do homem e de Deus. Uma poesia de efusão emocional, que se enraíza numa rigorosa fenomenologia das coisas que a rodeiam. Uma poesia herética, que brota do âmago da ingenuidade e da inocência. Uma poesia de esperança, de redenção, de liberdade, de suprema alegria, e, todavia, redundante de formas espectrais, de cinzas idas, de lágrimas e prantos. No limiar das novas eras, e com todo o verbalismo de um vocabulário academicamente consagrado, uma poesia do «Incriado, o Inominado ainda», como disse Pascoaes num dos seus mais belos poemas.<sup>1334</sup>

É esse, cremos nós, o maior contributo que o movimento da *Renascença Portuguesa* poderia legar às gerações futuras.

<sup>1331</sup> *Ibidem*, p. 118.

<sup>1332</sup> A. Braz Teixeira, «Criacionismo e Saudade no pensamento filosófico de Leonardo Coimbra», in *Revista Didaskalia*, vol.17, Fasc. (1987), pp. 119.

<sup>1333</sup> Miguel Real. *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010. O Labirinto da Razão e a Fome de Deus*, Lisboa, INCM, 2011, p. 205.

<sup>1334</sup> Jorge de Sena. *Vinte e Sete Ensaios*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1989, p. 103.

### 11.3. A saudade da terra do paraíso na poesia religiosa de António Correia de Oliveira

Samuel Dimas

#### 11.3.1. A saudade da terra do Paraíso

Para além de cantor da Pátria, António Correia de Oliveira é um poeta que canta as glórias de Deus e, como nos revela bem cedo na sua obra *Ara*, de 1904, canta de forma lírica e épica a origem divina da Terra e a Saudade misteriosa do Céu, que ilumina o Caminho do regresso à terra do Paraíso:

Mas a imagem do Céu, essa é a Saudade...  
Saudade é uma palavra de outro mundo:  
É o marulhar da luz que cai nas sombras.

Almas, vindo de Deus, saudades choram;  
Almas, subindo a Deus, saudades riem...  
Saudade é uma candeia:<sup>1335</sup>

A descrição da tensão entre a vida gloriosa e a vida dolorosa da existência, pela experiência da Saudade, que recorda a alegria do Paraíso ou a origem divina da Terra e revela a graça do regresso ao novo Paraíso ou ao destino divino da Terra, está presente em toda a sua obra, tendo no longo poema patriótico e escatológico *A Terra do Paraíso* uma das suas mais belas expressões:

Nas angústias de quem chora,  
Portugal, o teu Sentido  
É Saudade: entendo-a agora...  
\_ Ó Paraíso d'outrora,  
Meu Paraíso perdido!<sup>1336</sup>

No âmbito da sua poética acerca da exaltação da pátria terrena como símbolo da pátria celestial e acerca da tensão entre a exaltação das maravilhas da criação e os lamentos pela condição frágil e desarmónica da existência, as noções de *alegria*, *dor*, *exílio*, *esperança*, *graça*, *glória* e *paraíso*, igualmente nucleares na obra poética de Teixeira de Pacoaes e na obra filosófica de Leonardo Coimbra, são sempre usadas no âmbito da perspectiva da Saudade como experiência redentora. No reconhecimento da importância central deste tópico, enquanto específico da identidade poética do autor, em Março

<sup>1335</sup> António Correia de Oliveira, *Ara*, Lisboa, Ferreira & Oliveira Editores, 1904, p. 61.

<sup>1336</sup> *Idem*, *A Terra do Paraíso*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1922, p. 19.